

Imprensa.

Nao importa tanto o que Gutenberg pretendia fazer, mas o que de fato fez: descobriu que as letras do alfabeto sao tipos. Tal descoberta pode ser considerada pelo menos tao importante quanto a da America: mudou a vida da humanidade. O seu feito pode ser assim descrito: (1) fundiu em metal as formas das letras. (2) alinhou tais esculturas para formarem linhas de textos. (3) Cobriu tais composicoes esculturais com tinta. (4) Utilizou prensas para que pressionem as composicoes esculturais contra superficies, (por exemplo papel), e la deixem tracos. Nada disto e invencao nova. Ha milenios esculturas metalicas tem sido produzidas. Ha milenios letras tem sido alinhadas para formarem textos. Tinta e coisa aqui-conhecida no neolitico, e prensas tem sido utilizadas na fabricacao de vinho e azeite ha milhares de anos. No seculo 6 d.C. os chineses comecaram a combinar tais tecnicas milenares para imprimir escritas, e Pi Cheng utilizou, no seculo 11, blocos moveis para faze-lo. Gutenberg nada inventou: "apenas" descobriu o que os inventores do alfabeto tem inventado.

•-,-,-•

Como e possivel descobrir algo em coisa inventada? Nao haveria contradicao em tal pergunta? Segundo Marx, conhecemos perfeitamente as coisas por nos inventadas, e, com efeito, apenas conhecemos as coisas por nos inventadas. O fato, no entanto, é, que, segundo Jesus, nao sabemos e que fazemos. Exemplo: a serie de numeros naturais e invencao humana, e ate agora nao conseguimos descobrir nela a regra da distribuicao de numeros primos. Ha varias razoes que explicam a nossa ignorancia das coisas por nos inventadas: (1) A dialectica entre o homem e seu instrumento, que faz com que nos alienemos daquilo que inventamos. (O proprio Marx trabalhou criativamente com tal conceito). (2) O habito que encobre a invencao e a torna opaca. (Foi necessaria a pop art para que possamos descobrir o que "e" uma privada de porcelana). (3) A complexidade da invencao pode ser tao grande que os proprios inventores nao a compreendem. (O exemplo citado da serie de numeros). O alfabeto, em uso durante tres milenios antes de Gutenberg, era invencao sujeita a alienacao dos escreventes, coberta de habito, e de complexidade impenetravel. Os escreventes nao sabiam o que estavam fazendo quando escreviam. Gutenberg o descobriu: estavam compondo tipos.

•-,-,-•

Tal descoberta teve efeito imediato sobre o escrever, e efeitos retardados sobre todas as atividades, (e portanto sobre o estar-no-mundo), da humanidade. O efeito sobre o gesto de escrever foi que naõ mais se escrevia "obras", (objetos informados a serem utilizados por consumidores, por exemplo livros), mas "manuscritos", (projetos que permitem a producao de "obras" por maquinas impressoras). O escritor deixou de ser produtor de objeto informado, e passou a ser informador, (ou, como se diz atualmente, "informaticista"). E o objeto informado deixou de ser "obra original", (objeto informado individualmente), e passou a ser "exemplar", (exemplo de um grupo de objetos identicos quanto a informacao neles contida). Pois isto e o germe da atividade industrial, (na qual o informador faz projetos para informacoes a serem impressas maquinamente sobre exemplares), e para a atividade pos-industrial, (na qual o informador programa aparelhos para que reproduzem e pro-

zem informacoes automaticamente). Gutenberg, ao ter descoberto que as letras sao tipos, inaugurou a revolucao industrial, e, mais significativamente ainda, a revolucao pos-industrial da qual somos testemunhas atualmente.

Os escreventes pre-gutenbergianos acreditavam que as letras sao caracteres. Signos que tornavam visuais o carater de sons individuais de determinada lingua falada. De maneira que toda lingua individual exigia um alfabeto caracteristico para ela. Os inventores do alfabeto ugaritico visavam tornar visuais os sons de determinada lingua siriacca, e acreditavam que seu alfabeto era caracteristico de tal lingua. Os escreventes antigos e medievais acreditavam que para escrever o latim, era preciso o alfabeto latino, para escrever o grego o alfabeto grego, para escrever o hebraico o alfabeto hebraico, e para escrever o arabe o alfabeto arabe. Toda lingua exigia um alfabeto caracteristico para ela. As linguas "vulgares", (as neo-latinas, germanicas e eslavas), nao possuiam alfabetos caracteristicos, porque eram incapazes e indignas de serem escritas alfabeticamente.

Gutenberg descobriu que as letras nao sao caracteres, mas tipos. Que tornam visivel, nao o carater individual de sons falados, mas o tipico dos sons em nao importa que lingua falada. Que o alfabeto e metodo para tornar visivel, nao o caracteristico de determinada lingua, mas o tipico de todas as linguas. Que nao importa que alfabeto pode ser utilizado para escrever nao importa que lingua: que posso escrever o suahili em alfabeto hebraico, e o mandarim em alfabeto grego. Por certo: o proprio Gutenberg provavelmente nao se dava conta da radicalidade tipificadora da sua descoberta. Nao imprimia livros suahili em alfabeto hebraico, mas apenas livros alemaes em alfabeto latino. No entanto: deu o primeiro passo rumo ao desprezo do carater e ao acento do tipo que tanto marca a atualidade.

Para tipizar o caracteristico, Gutenberg se viu obrigado a certos truques. O carater da lingua alema exige certos tipos nao existentes no alfabeto latino. Por exemplo o son tipizado por "sch", (que nao e uma invencao extremamente inteligente). No entanto: o importante era que Gutenberg descobriu que tipos sao manipulaveis para tipizarem nao importa que carater sem que com isto o sistema de tipos seja modificado: "sch", embora tipo novo, continua ser tipo do sistema de tipos latinos. Foi somente depois que o caracteristico da lingua alema foi obrigado a tipizar-se, (submeterse ao codigo tipizante do alfabeto), que a lingua alema desenvolveu a sua capacidade de tornar-se veiculo para a ciencia, poesia e filosofia que tanto fertilizou o Ocidente. A supressao do caracteristico em prol do tipico permitiu a eclosao de virtualidades dormentes. (A "romanizacao" do mandarim exige adaptacao dificil do alfabeto latino. Uma vez conseguido isto, virtualidades dormentes no mandarim podem explodir violentamente, perspectiva esta haa necessariamente regozijante para todos os participantes.)

Gutenberg descobriu que o alfabeto e metodo para desprezar o caracteristico nos fenomenos, (na lingua falada, no objeto informado), e para salientar o tipico nos fenomenos, (a "essencia" da lingua falada, a "essencia" da informacao no objeto). A invencao da imprensa se segue de tal descoberta.

•••••

Que significa o termo "tipo"? Etimologicamente "typos" significa traco

deixado por algo que se imprimiu sobre algo, (por exemplo: o traco deixado por uma ave na areia da praia e um "typos"). De modo que "typos" e sinonimo de "impressao" e de "informacao", (desde que definamos "informacao" enquanto "forma-em"). E de modo que "tipografia" e pleonasma: "graphein" significa "imprimir", e "tipo" significa "impressao", de forma que "tipografia" significa "impressao de impressoes". Ao ter inventado a tipografia, Gutenberg apenas descobriu a "essencia" da grafia.

Se tomarmos plenamente a serio tal significado etimologico de "tipo" e "tipografia", teremos a seguinte visao da historia do Ocidente: Os semitas do segundo milenio a.C. inventaram um sistema de tipos, (as letras do alfabeto), e com isto tornaram possivel o desvio do interesse a partir do fenomeno particular para o "essencial", a "pura informacao", o texto. Isto seria o inicio da historia sensu stricto. Gutenberg descobriu tal "essencia" do alfabeto, e inventou uma tecnica, a "tipografia", que permitiu desprezar tecnicamente o fenomeno particular, e salientar a "pura informacao", (nos impressos). Isto seria o inicio da idade moderna. A Revolucao industrial estendeu tal tecnica tipografica para praticamente todos os codigos informativos, (nao apenas o alfabeto), e para praticamente todos os objetos, (nao apenas os livros), e o resultado foi a inflacao de objetos industriais tipografados. Isto seria o inicio do "progresso", (da historia tipograficamente acelerada). E a atual Revolucao pos-industrial adaptou tal tecnica tipografica para permitir a concentracao do interesse sobre a producao de "pura informacao", ao relegar a impressao da informacao para automatos e robos. Isto seria o fim da historia sensu stricto, porque o fim da atividade tipografica humana. Note-se que em tal visao "historia" e "tipografia" passam a ser sinonimos, e que "tipografar" passa a ser sinonimo de "trabalhar para informar o mundo".

No entanto: o termo "tipo" nao significa apenas "traco". Se digo que a industria e tipografia ao produzir esquadros plasticos, (ao imprimir determinado tipo sobre objeto desprezado em suas caracteristicas individuais), estou dando um significado etico-estetico ao termo "tipo". Se digo que a ciencia e discurso tipografico ao salientar o tipico nos fenomenos e desprezar o caracteristico, (por exemplo ao classificar os fenomenos em especies), estou dando um significado epistemologico ao termo "tipo". E se digo que a filosofia e um pensamento tipografico ao manipular termos gerais, isto e tipos de termos, estou dando um significado ontologico ao termo "tipo". Por certo: o conceito "traco" pode perfeitamente abranger todos estes significados eticos, esteticos, epistemologicos e ontologicos que mencionei, mas sao estes os significados decisivos quando afirmo, como estou afirmando, que estamos penetrando epoca que salienta tipos e despreza caracteres. Isto merece ser refletido: que aconteceu com estes significados todos, quando Gutenberg inventou a tipografia?

.?,?,?,?.-.

Recorrerei a contenda medieval das universais para ilustrar o problema. Tratava se, aparentemente, da questao seguinte: que faco quando comparo varios objetos? Se por exemplo afirmo que esta mesa e aquela cadeira sao, ambos, moveis? Sera que terei descoberto algo comum a ambos, a "movelidade"? E sera que

que tal coisa comum a ambos e "essencial" a ambos? Como, para os alquimistas, a "essencia" de metais e o ouro, e a "quinta essencia" de todas as coisas, a "pedra da sabedoria", e o que e comum a todas as coisas? Esse e o ponto de vista dos "realistas". Ou, sera que, ao chamar mesa e cadeira de "movel", terei apenas cunhado um nome qualquer para poder comparar coisas incomparaveis em sua especificidade? Sera que comparar nao passa de esforco puramente nominal para orientarmo-nos em meio de mundo composto de fenomenos unicos e essencialmente incomparaveis? Este e o ponto de vista dos "nominalistas".

Aparentemente a contenda trata do problema epistemologico envolvido na comparacao, portanto ligado a questao da identidade e diferenca, (carater e tipo). Na realidade, no entanto, o problema extravasa a epistemologia. Por certo: a contenda poe em questao a possibilidade do conhecimento cientifico, mas poe em questao mais violentemente ainda a salvacao da alma. Porque, se eu assumir o ponto de vista realista, deverei poder aproximar-me de Deus, (essa essencia de todas as coisas), por analise sistematica das coisas, e progredirei, passo por passo, a partir de tipos mais especificos rumo a tipos sempre mais gerais, ate finalmente alcancar o tipo de todos os tipos, Deus. Salvarei minha alma pelos metodos da ciencia, da filosofia, da teologia, todas elas "tipografias" em sentido quase alquimista do termo. Se, pelo contrario, assumir o ponto de vista nominalista, todas tais "tipografias" nao passarao de "flatus vocis", (grunhido da voz), e poderei salvar-me apenas pela fe muda e inarticulada, (sola fide). De modo que a contenda dos universais ilustra a carga semantica escondida no termo "tipo".

Indubitavelmente, a invencao da tipografia inaugurou o triunfo do "realismo". Livros impressos, isqueiros plasticos, e a "software" dos computadores sao provas da vitoria do tipo sobre o fenomeno unico e incomparavel. A sociedade informatica sera, neste sentido, sociedade alquimista. "universalia sunt realia", (o electron, o gen, o bit sao reais, nao nomes), e o lema do presente e do futuro imediato. Nem por isto, no entanto, ficou eliminado o argumento nominalista. Sera que todas essas conquistas historicas e pos-historicas, todos estes tipogramas, desde o livro impresso ate a imagem digital sintetizada por computador, nao passam de "flatus vocis" que nos afastam da concreticidade absurdamente incomparavel?

•-,-,-•

Tais reflexoes permitem captar o impacto da invencao da imprensa. Gutenberg descobriu que o alfabeto e sistema composto de tipos. E que portanto a escrita alfabetica permite manipular tipos, afim de serem impressos mecanicamente sobre o mundo. Nao mais o mundo a ser modificado e o problema humano. Maquinas podem resolver tal problema melhor que homens. O problema humano e modificar tipos, manipular codigos, afim de dar significados sempre novos a vida humana em mundo absurdo. Escrever, (e mais tarde todo gesto criador), deixa de ser trabalhar, (Modificar coisas), e passa a ser programar, (criar "informacao pura"). Gracias a imprensa, esse germe da industria e da pos-industria, o homem deixou de ser "homo faber", e passou a ser programador de sistemas. Ficamos "outros".